

O PARÂMETRO DO SUJEITO NULO NA AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM

MARILZA DE OLIVEIRA
(FFLCH/DLCV/USP)

ABSTRACT This paper discusses theoretical and empirical results of a research about the null subject parameter in terms of the acquisition theory. Assuming that BP language differs from Italian language in the value of the null subject parameter, we have to deal with a paradox: Brazilian children have information from declaratives that BP is a non pro-drop language, but are exposed to short answers, formed by a finite verb and the null subject, proposed to be a trigger (Kato 1994) for fixing the parameter. The aim of this paper is to provide evidence for other assertive sentences concerning the triggering problem. Building on it, we also describe some adult declarative sentences of both languages and compare them with the acquisition data.

INTRODUÇÃO

Este trabalho apresenta os resultados de um estudo feito sobre a aquisição do parâmetro do sujeito nulo na língua italiana e no Português do Brasil (PB), caracterizadas por serem, respectivamente, uma língua prototípica de sujeito nulo e uma língua de sujeito nulo residual.

Tomando como hipótese de trabalho a abordagem seletiva da aquisição da linguagem, assumimos o pressuposto de que as mudanças lingüísticas se pautam pela análise que a criança faz da experiência lingüística a que está exposta, a partir de uma gramática internalizada (Lightfoot, 1989).

Em de Oliveira (1996), realizamos um estudo variacionista da frequência do sujeito pronominal no italiano tendo apurado o percentual de 39% de preenchimento do sujeito na modalidade oral. Se considerarmos que o estudo de Duarte (1995) assinala 74% de sujeito pleno no PB, poderemos considerar que estas duas línguas apresentam comportamento desigual em relação à realização do sujeito pronominal.

Em termos de aquisição, a assunção de que a língua italiana é [+sujeito nulo] e o PB está se tornando [- sujeito nulo] envolve dois problemas. A alta porcentagem de sujeitos plenos poderia dar pistas à criança de que o PB é marcado [- sujeito pleno]. No entanto, a criança brasileira se depara com estruturas conservadoras de sujeito nulo categórico de respostas afirmativas, constituídas basicamente de sujeito nulo e verbo

(Kato e Tarallo, 1992). Dada a alta produtividade das respostas curtas, como a criança poderia captar que o PB está se tornando uma língua de sujeito pleno?

Por outro lado, nos dados de uma criança de língua italiana colhidos por Ferrari (1992), verificamos o aparecimento maciço de pronomes na função de sujeito em uma determinada fase e o seu posterior apagamento, observação confirmada por Antelmi (1993). Surge a questão: Por que a criança italiana generaliza o preenchimento do sujeito para depois restringi-lo a determinados contextos?

Poderíamos responder esta questão nos seguintes termos: a criança de língua italiana, com base na evidência positiva de que o italiano é uma língua de sujeito nulo ativaría o princípio do *Avoid pronoun* (Chomsky, 1981) procedendo ao seu apagamento.

O problema é que mesmo uma língua de sujeito nulo como o italiano admite a pronominalização fonológica (39% na modalidade oral). A criança, portanto, está exposta a sentenças com sujeito pleno e com sujeito omissivo. Como a criança italiana poderia, então, descobrir que a língua do adulto italiano é de sujeito nulo? A solução parece residir no tipo de experiência lingüística que é acessível para a criança.

A necessidade de analisar a qualidade dos objetos lingüísticos de que a criança se serve leva Lightfoot (1989) a propor o seguinte modelo explanatório:

experiência detonadora (genótipo > fenótipo)

O esquema de Lightfoot sugere que a experiência detonadora não consiste de um elemento qualquer extraído aleatoriamente do total da experiência lingüística, mas seria prevista pelo genótipo. Obtém-se daí que a criança não precisa estar exposta à totalidade de informação a que tem acesso para fixar o parâmetro de uma língua e que o processo de descoberta dos valores paramétricos não é afetado pelos erros de performance que ela constantemente ouve.

Pondo atenção no problema evolutivo, o modelo de aquisição deve dar conta das condições externas que possibilitam o crescimento e a maturação de capacidades relativamente fixas. De acordo com a hipótese da continuidade do desenvolvimento gramatical, a passagem de um estágio ao outro da gramática é motivada por elementos do contexto lingüístico, i.e., pelo “trigger”.¹ São estes elementos detonadores que favorecem à criança a condição necessária para que esta fixe os parâmetros da GU (Hyams 1986, 1988; Clahsen, 1989).

Para os continuístas, as categorias funcionais estão sempre disponíveis para a criança que, com base na experiência lingüística, deve apenas ativá-las com a aquisição

¹ A regularidade do desenvolvimento gramatical é inferida da suposição de que os princípios formais da gramática estão desde sempre disponíveis para a criança (Pinker 1989). A presença destes princípios restringe as gramáticas intermediárias construídas pela criança no decorrer da aquisição de tal maneira que o desenvolvimento da linguagem, ou melhor, da gramática se dá através de um processo contínuo, onde cada estágio é autorizado pelos princípios da GU.

O processo de aquisição, tal qual as primeiras teorias dentro da hipótese da continuidade propuseram, requer da criança um esforço mínimo, uma vez que para que se dê a aquisição são necessários apenas: o estabelecimento inicial do parâmetro - tido como um valor “default” - e o “input” que a criança automaticamente receberá de seu ambiente lingüístico.

do léxico e de suas propriedades (Clahsen, 1989). Kato (1995a), por exemplo, considera que os princípios da GU estariam latentes na criança e seriam ativados com a aquisição do vocabulário, na linha de Wexler & Manzini (1987) e Nishigauchi & Roeper (1987). Assim, por exemplo, a criança só poderia adquirir o mecanismo da ligação após a aquisição de anáforas e pronomes.

Neste trabalho, adoto a hipótese continuísta, de modo que a experiência lingüística se torna um elemento de investigação constante. O primeiro ponto a discutir é a delimitação dessa experiência. Adotando a hipótese do grau-0 da aprendizagem lançada por Lightfoot (1989), Kato (1994) aponta as respostas curtas como experiência detonadora para a fixação dos parâmetros.

Apoiando-me na hipótese de Kato (1994), tomo as frases assertivas como objeto de investigação. A questão do sujeito nulo será avaliada a partir da identificação das frases assertivas do modelo adulto e da análise de dados empíricos da aquisição da língua italiana e do Português Brasileiro (doravante PB).

O trabalho está organizado da seguinte maneira: na seção 01, propomos as frases assertivas como “trigger” para a fixação de parâmetros e descrevemos os dados das crianças; na seção 02, fazemos um sumário dos resultados obtidos na análise do preenchimento do sujeito na língua do adulto nas frases declarativas para compará-los com os dados de aquisição; e na seção 03, teceremos algumas considerações finais.

1. QUE TIPO DE EXPERIÊNCIA É ACESSÍVEL PARA A CRIANÇA?

Tomando por base o trabalho de Pollock (1989), Kato & Tarallo (1992) mostram que as respostas curtas apresentam a mesma estrutura das orações independentes: línguas que exigem clíticos apresentam clíticos nas respostas curtas; línguas que não admitem sujeito nulo preenchem o sujeito nas respostas curtas e línguas que não admitem a subida do verbo para uma posição IP (de flexão) só permitem a presença do auxiliar nas respostas curtas.

Assumindo que o PB apresenta a propriedade do sujeito nulo, Kato (1994) adota a hipótese de aquisição de Lightfoot, sugerindo que os dados robustos que constituem o “trigger” para a criança encontram-se nas respostas curtas às interrogativas polares.

Se assumirmos, porém, que o PB está passando por um processo de perda do *princípio evite pronome*, dado que atinge a marca de 74% de sujeitos pronominais, conforme Duarte (1995), não há como afirmar que a criança parte da resposta curta, constituída de sujeito nulo + verbo, para marcar negativamente o parâmetro do sujeito nulo. No entanto, a análise dos corpora² de aquisição do PB dá indícios de que a

² O corpora é constituído basicamente de dados de fala de duas crianças brasileiras (Raquel, Luciano) e de duas crianças italianas (Guglielmo e Diana). Esses dados serão confrontados com os dados de mais uma criança brasileira (Luciano) e duas crianças italianas (Martina e Francesco).

Os dados das crianças Raquel e Luciano pertencem ao banco de dados do Projeto de Aquisição da Unicamp-IEL, coordenado por Cláudia G. de Lemos. Os dados de fala de Isadora foram colhidos por Vicente Cerqueira.

Os dados de fala de Francesco pertencem ao *Istituto di Psicologia* do CNR (*Consiglio Nazionale di Ricerca*) de Roma, dirigido por Virginia Volterra. Os dados das demais crianças italianas, colhidos pelo

criança é exposta e também reproduz estruturas com sujeito nulo nas respostas às perguntas polares, estruturas excluídas da análise de Duarte (1995):

1. C - *Agola eu vou dá banho.*
A - *Cê vai dar banho nela?*
C - *Vou.* (R. 2;00.05)

Este conjunto de dados levou-nos à hipótese de que a parametrização do objeto nulo no PB proposta por Cyrino (1994) teria favorecido o preenchimento do sujeito nas declarativas, ocasionando uma distinção nítida entre asserção propositiva e concordância ilocucionária. A asserção propositiva (i.e. frases declarativas) seria constituída de *Sujeito pleno + Verbo* e a concordância ilocucionária, expressa pelas respostas curtas, seria constituída de *Sujeito nulo + Verbo*.

Do ponto de vista da aquisição, a criança brasileira teria que aprender que a estrutura *Sujeito nulo + Verbo* tem uma função determinada: expressar o valor verdade de uma proposição precedente. Nos demais contextos, haveria a necessidade da realização fonológica do sujeito. O problema era saber como a criança chegaria a essa distinção entre as respostas assertivas de um lado e as declarativas afirmativas de outro.

Além disso, a operacionalização da distinção entre as repostas curtas e as sentenças declarativas apontaria para a totalidade da experiência lingüística na marcação do parâmetro, inviabilizando a hipótese do grau-0 da aprendizagem.

A assunção da hipótese de Lightfoot (1989) segundo a qual os objetos lingüísticos de que se serve a criança para marcar o valor do parâmetro de sua língua-alvo são constituídos de dados simples e robustos nos impede de considerar a totalidade da experiência lingüística. Assim, desconsideramos as frases declarativas como contexto lingüístico relevante na marcação de parâmetros pela criança.

A proposta de Kato (1994) de que as respostas curtas configuram dados simples e robustos para os quais a criança se volta na marcação do parâmetro está em perfeita consonância com a hipótese do grau-0 da aprendizagem, o que nos leva a assumi-la para explicar a descoberta do valor do parâmetro pela criança. No entanto, as respostas curtas são constituídas, categoricamente, de sujeito nulo e os dados de Duarte (1995) apontam para o crescente preenchimento do sujeito no PB. Para resolver este paradoxo, buscamos fazer um levantamento da tipologia das frases assertivas possíveis no PB e na língua italiana, apoiando-nos no trabalho de Kato & Tarallo (1992) que atestam o uso estritamente estilístico da partícula *sim* no PB contemporâneo.

Utilizando-nos de peças teatrais³ (séculos XIX e XX) para o PB, observamos algumas mudanças na constituição das frases assertivas desta língua. De um modo

Istituto Stella Maris do CNR de Pisa, foram extraídos do projeto CHILDES (*Childe Language data Exchange System*) coordenado por Brian MacWhinney e Catherine Snow.

³ O corpus para a análise das frases assertivas, no século XIX, é formado pelas peças:

1. Martins Pena, *O Juiz de Paz da Roça* (1843), in *Comédias de Martins Pena*, edição crítica de Darcy Damasceno, Edições de Ouro, 1966.

2. Martins Pena, *Judas no Sábado de Aleluia* (1873), in Darcy Damasceno (op. cit.).

3. França Júnior, *Como se Fazia um Deputado* (1882), in *Teatro de França Júnior*, tomo II, Funarte e Serviço Nacional do Teatro, 1980.

geral, todas as frases assertivas do PB, encontradas nas peças analisadas do século XIX, eram realizadas com a partícula *sim*. Nas respostas curtas, havia variação entre o emprego da partícula e do verbo flexionado contido na interrogativa.

No início do século XX, o verbo flexionado suplanta o emprego da partícula como resposta a uma interrogativa precedente;

2. _ Chegou o Valério? _ **Chegou**. (A.G., 1922)

nas demais frases assertivas tem-se o emprego de *É* como resposta a uma interrogativa de foco estreito e à confirmação de uma declarativa precedente, respectivamente:

3. _ Mêdo de Deus? _ **É**. (J.C., 1932)

4. _ O pae, no entanto, parece um homem de certa educação.

_ **É**, mas está-se vendo que elle se esqueceu de transmittil-a á filha. (A.G., 1925)

Curiosamente, o emprego apenas do verbo como resposta curta se especializa na primeira metade do século XX, período em que se deu a queda brusca de sujeito nulo no PB (Duarte, 1995:19), o que sugere que a estrutura das respostas curtas distingue-se da estrutura das declarativas, no que concerne o parâmetro do sujeito nulo.

A queda da partícula *sim* atinge as frases de assentimento apenas na segunda metade do século XX, período em que é substituída por *está bem / está certo*. A supressão do advérbio ou do adjetivo e a aférese no verbo *estar* possibilitou a formação e especialização de *TÁ*, como frase de assentimento, seguida ou não de sujeito pronominal e verbo flexionado:⁴

4. França Júnior, *Cahio o ministerio* (1883), in *Teatro de França Júnior* (op. cit.).

5. Arthur Azevedo, *A Capital Federal* (1897), ed. original da Casa Mont'Alverne, RJ, Ed. Letras e Artes 1965.

Para a análise da frase assertiva do século XX, servimo-nos das seguintes peças teatrais:

1. Gastão Tojeiro, *O Simpático Jeremias*, in *Revista de Teatro*, Mar/Abr 1958, n.302, representada em 1932.

2. Armando Gonzaga (1922) *A Flôr dos Maridos*, in *Comédias*, Livraria Teixeira, São Paulo, Vieira Pontes Elia.

3. Armando Gonzaga (1923) *Cala a bocca, Etefvina*, in *Comédias* (op. cit.).

4. Joracy Camargo, *Deus lhe pague*, in *Revista de Teatro*, Mar/Abr 1958, n.302, representada em 1932.

5. Jorge de Andrade (1955) *A Moratória*, in *Marta, a Árvore e o Relógio*, São Paulo, Ed. Perspectiva.

6. Abilio Pereira de Almeida, *Moral em Concordata*, in *Revista de Teatro*, Mar/Abr 1957, n. 296.

7. Gianfrancesco Guarnieri (1978) *Eles não usam black-tie*, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira.

8. Gianfrancesco Guarnieri (1973) *Botequim ou Céu Sobre Chuva*, São Paulo, Ed. Monções.

9. Millôr Fernandes (1994) *É...*, in *Teatro Completo*, L&PM.

⁴ Os exemplos 5-8 foram extraídos de conversas informais, mas a análise das frases de assentimento a partir das peças teatrais permitiu-nos observar que estas são derivadas do advérbio *bem* na expressão *Está bem*, conforme o exemplo extraído da peça de Jorge de Andrade:

Traga o Olímpio depois da missa. _ Está bem (J.A., 1955).

5. _ Conta prá gente, conta. _ **TÁ**, (**eu conto**).

6. _ Você conta prá gente? _ **TÁ**, (**eu conto**).

Na verdade, a frase de assentimento (i.e., o response) pode ser realizada apenas com o verbo *TÁ*, mas pode também constituir-se apenas de Sujeito pronominal e Verbo flexionado. Ou seja, a frase de assentimento longa⁵ tem a mesma estrutura das frases declarativas, no que se refere ao preenchimento do sujeito, o que sugere que é a partir dela que a criança tem evidências a respeito do preenchimento do sujeito no PB.

Além de *TÁ* e/ou da estrutura [*Pronome+V*], as frases assertivas de assentimento podem ser constituídas do verbo flexionado contido na frase imperativa precedente e da partícula *sim*, agora posposta ao verbo:

7. _ Telefona, de vez em quando! _ **Telefone sim**.

As duas estruturas verificadas para a frase de assentimento [Suj+V] e [V+sim] aparecem também nas estruturas de denegação:⁶

8. _ Você não telefonou! _ **Telefonei sim**. / **Eu telefonei**.

Portanto, as frases de denegação e as frases assertivas de assentimento configuram o contexto de preenchimento do sujeito. A alternância sujeito pronominal e partícula assertiva sugere que ambos têm a mesma função na frase de assentimento e de denegação: dar ênfase ao valor verdade expresso pelo verbo da frase precedente, tornando proeminente a relação de predicação.⁷

Na fala do adulto de língua italiana, cuja análise foi realizada a partir, principalmente, dos dados extraídos do diálogo adulto-criança, identificamos o uso da partícula *sì* em todos os tipos de frases assertivas. Na frase de assentimento, a partícula ocupa a posição inicial e pode ser reduplicada com o verbo e os clíticos:

9. C - Mi api? (Me abre? =Abre pra mim?)
A - **Sì, ti apro, te l'apro**. (M / 1;11.02) (Sim, te abro, to abro.)

No caso da denegação, tem-se o acréscimo de *che* (=que) e repetição do verbo contido na asserção. Este é o único caso em que se faz necessária a retomada do verbo:

⁵ Estamos distinguindo a frase de assentimento curta, constituída apenas do elemento *Tá*, da frase de assentimento longa, constituída de Suj+V.

⁶ No teatro de Jorge de Andrade, identificamos a seguinte frase assertiva como resposta a uma frase denegativa:

Não estou examinando nada. _ **Está sim**. (J.A., 1955).

⁷ C. Galves, c.p.

10. C - Mettilo te. Non liescio, non liescio. (Coloque-o você. Não consigo, não consigo.)
 A - **Sì sì che riesci.** (Sim, sim que consegue)
 C - No liescio, madonna santo. (D / 2;5.1) (Não consigo, minha nossa.)

À confirmação do conteúdo de uma frase declarativa e à resposta a uma frase interrogativa de foco estreito e de foco largo segue-se a partícula *sì*, portanto, estas frases assertivas não são reveladoras de estruturas particulares. Ao contrário, o assentimento a uma frase imperativa e a denegação, constituem o “trigger” para a questão do preenchimento do sujeito, dada a informação suplementar que ocorre após a partícula *sì*. Compare-se o quadro das respostas do adulto no PB e no italiano:

Quadro 1. RESPONSES DE ADULTOS NO PB E NO ITALIANO

	ASSENTIMENTO	DENEGAÇÃO
PB	eu conto	conto sim eu conto
ITA	<i>sì, te l’apro</i> <i>sì, sì</i>	<i>sì che te l’apro</i> <i>te l’APRO, sì</i>

Esses fatos sugerem que as frases de assentimento e de denegação são cruciais para a informação sobre o preenchimento do sujeito, seja na língua pro-drop, seja na língua não pro-drop, confirmando a hipótese de Kato (1994) de que estas construções curtas constituem dados simples, robustos e suficientemente ricos para que a criança, a partir delas, possa descobrir os valores dos parâmetros. No que diz respeito estritamente à resposta curta, a autora avança a hipótese de que a criança adquire o V(erbo) primeiramente como elemento assertivo, como marca de definitude. Em um segundo momento, o verbo aparece como elemento de concordância. É só a partir deste momento que se pode falar em sujeito nulo nas respostas curtas produzidas pela criança.

De fato, os seguintes exemplos, extraídos do conjunto de frases assertivas realizadas pela criança, sugerem que a criança brasileira preenche o sujeito, como se dá na estrutura da gramática do adulto. Observe-se as estruturas de denegação e assentimento.

Construções de denegação:

11. A _ O que mais? Ah, jacaré você num viu?
 C _ **Eu vi.** (L/ 2;03)

*Frases de assentimento:*⁸

12. A _ Come logo, prá gente acabar de contar a estorinha.
C _ **Eu como.** (R/2;01.16)

No que concerne a aquisição da língua italiana, as frases assertivas das crianças são, todas elas, idênticas às frases do adulto: tem-se o uso da partícula *sì* para todos os tipos de frases. A partícula *sì* com a função de assentimento aparece no início da frase e pode ser repetida:

13. A - Guglielmo, mi vai a prendere le forbici di cucina di mamma?
(Guglielmo, vai me pegar a tesoura de cozinha da mamãe?)
C - **Sì sì.** (G / 2;3.7) (Sim sim.)

e, se houver retomada do verbo, este aparece, ao contrário do PB, precedido da partícula:

14. A - Vieni qua! (Vem aqui!)
C - **Si**, viego. (M / 1;11.2) (Sim, vou.)

A denegação faz-se pela partícula *sì* seguida de *che* (uma estrutura do tipo clivada com elipse da cópula *È*) e do verbo contido na asserção imediatamente anterior:

15. A - Ma questo lo guardi più? (Mas este (não) o vê mais?)
C - **Si che** lo guardo. (D / 2;6.00) (Sim que o vejo.)

Os dados extraídos dos corpora de aquisição confirmam a hipótese de que é nos respostas (frases assertivas de assentimento e de denegação) do adulto que a criança encontra o “trigger” para estabelecer se a língua a que está exposta é de sujeito nulo e se tem clíticos. Nelas, tem-se a evidência de sujeito pleno e ordem *S(ujeito) V(erbo)* para o PB e de sujeito nulo para o italiano; a inexistência de clíticos no PB e a sua atuação no italiano.

Nesta seção, desconsideramos as declarativas como um contexto lingüístico formado de dados simples e robustos para os quais a criança “olha” para marcar os valores paramétricos. Na seção seguinte, descrevemos as declarativas produzidas por crianças brasileiras e italianas, comparando-as com as declarativas extraídas dos dados da fala do adulto.

⁸ Nas imperativas, o foco recai no verbo: _ *Come o bolo!*

conseqüentemente, a frase de assentimento apresentará o foco na predicção e não no pronome. O sujeito pronominal [*Eu como*] não recebe nem a leitura focal nem a leitura contrastiva: a sua função é a de dar ênfase ao evento expresso pelo verbo.

2. O PREENCHIMENTO DO SUJEITO NAS FRASES DECLARATIVAS

2.0. A realização pronominal do sujeito no PB e na língua italiana

Na introdução deste trabalho, salientamos a polarização entre o PB e a língua italiana. Esta, apesar de ser uma língua prototípica de sujeito nulo, apresenta 39% de sujeitos pronominais; por sua vez, o PB está caminhando para a perda da propriedade de omissão do sujeito (Figueiredo e Silva 1994), apresentando 74% de sujeitos pronominais (Duarte, 1995).

Apesar da diferente caracterização paramétrica, ambas as línguas compartilham uma mesma ‘propriedade’: o maior preenchimento da 1a. e da 2a. pessoas:

Tabela 1. Frequência de sujeitos plenos nas três pessoas gramaticais

	1a. pessoa	2a. pessoa	3a. pessoa
PB (Duarte, 1995)	82%	78%	45%
Italiano (de Oliveira, 1996)	51%	44%	27%

Esses resultados são uma evidência de que a correlação causal entre morfologia verbal fraca e preenchimento do sujeito (Galves, 1993; Duarte, 1995) deve ser relativizada. Como afirmam Negrão e Müller (1996), se o “enfraquecimento da flexão” no paradigma verbal do PB fosse a causa do preenchimento do sujeito, esperaríamos encontrar um percentual maior de pronomes de 2a. e 3a. pessoas, uma vez que a neutralização da desinência verbal constitui um contexto em que é mais difícil a identificação do sujeito. Com efeito, o maior percentual de preenchimento da 1a. pessoa no PB (que apresenta marca distintiva) e na língua italiana, cuja morfologia verbal é considerada rica, impõe restrições para a correlação causal entre morfologia verbal fraca e preenchimento do sujeito.

Em de Oliveira (1996), aventamos a hipótese do emprego do pronome com a função de enfatizar o evento expresso pelo verbo. De fato, a amostra que apresenta maior ocorrência de sujeitos plenos no italiano é a do julgamento de pequenas causas, em que se tem a necessidade de marcar a positividade do verbo, i.e. de acentuar a veracidade das asserções proposicionais.⁹

O que efetivamente separa as duas línguas é o fato de que a ênfase no evento, na língua italiana, é de natureza pragmática, uma vez que a ausência do pronome não incide no juízo de gramaticalidade; no PB, a ênfase no evento é de natureza sintática, uma vez que o preenchimento do sujeito é obrigatório em algumas estruturas sintáticas: nas estruturas de denegação para todas as pessoas gramaticais, nas estruturas com foco marcado e na presença de elemento à esquerda:

⁹ O fenômeno da ênfase ao evento expresso pelo verbo, na língua italiana, condiciona a escolha do auxiliar *essere* (=ser) e *avere* (ter) na formação de tempos compostos. *Ha piovuto* (=choveu) é usado quando se quer marcar a intensidade da chuva; *è piovuto* (=choveu) é usado apenas como constatação do evento.

a. *estruturas de denegação*

16. _Você não comeu! _ Eu comi / * _ pro comi.¹⁰

b. *estruturas com foco marcado*:¹¹

17. O BOLO eu / *pro comi (não o pão.).

c. *presença de elemento à esquerda*

18a. Ontem eu / ??pro comi o bolo.¹²

18b. Comi o bolo ontem.

Em outras palavras, a obrigatoriedade da expressão pronominal no PB tem a ver com o tipo de estrutura envolvida (denegação, focalização e presença de elemento à esquerda) e é refletida na fala da criança, como veremos na subseção seguinte. Na língua italiana, o uso do pronome, por ser um fator estritamente pragmático, aparece apenas nos contextos em que se tem a necessidade de enfatizar o evento expresso pelo verbo.

2.1. Análise da fala de crianças de língua italiana

A análise dos dados de aquisição de língua italiana se pauta na transcrição de sete gavações para cada criança:

Guglielmo: 2;2.1 / 2;3.7 / 2;4.12 / 2;5.17 / 2;7.25 / 2;9.6 e 2;10.2
Diana: 1;11.7 / 2;0.2 / 2.0.17 / 2;1.25 / 2;5.01 / 2.6 e 2;6.13

No que diz respeito ao preenchimento do sujeito, pudemos constatar que há um período em que se tem o aumento do preenchimento do sujeito (faixa 6 para ambos os sujeitos) para depois decrescer, conforme de Oliveira (1994):

Tabela 1: Tipos de realização do sujeito nas declarativas

Faixa idade	DIANA			GUGLIELMO		
	Nulo	Pron.	Lexical	Nulo	Pron.	Lexical
05	05	02	03	10	--	--
1	13	04	02	08	02	--
2	08	02	12	38	06	04
3	13	--	03	16	03	07
4	49	24	16	21	05	01

¹⁰ Na denegação, o sujeito nulo só é possível se o verbo for seguido da partícula assertiva *sim* (*pro comi sim*) ou se houver uma curva entoacional particular.

¹¹ Nas estruturas com foco marcado, o sujeito pode ser nulo apenas quando o próprio sujeito é marcado:

O PEDRO pro viu a Maria.

¹² A frase não é totalmente agramatical devido à marca do pretérito perfeito, um contexto de sujeito nulo residual (Duarte 1995).

5	60	55	04	54	18	20
6	56	21	02	32	04	08
7						

Apesar do aumento do preenchimento na faixa 6 e vertiginosa queda na faixa 7, verifica-se que o número de sujeito nulo é sempre superior ao do sujeito pronominal e lexical e à soma desses.

Tomando para análise do preenchimento do sujeito as faixas a partir da de número 5, observamos que nas frases declarativas, os seguintes fatores condicionam a realização pronominal do sujeito na fala da criança: a presença de um verbo volitivo, o anúncio de uma ação seguida de sua realização e a presença das conjunções *perché* (=porque) e *sennò* (=senão).¹³

Na fala do adulto de língua italiana, o sujeito é pronominalizado em situações limite (acusação, defesa, intimidade) e tem a função de dar ênfase ao evento expresso pelo verbo (de Oliveira, 1996). Essa ênfase é verificada, no caso da fala de Francesco e de Diana, por meio do emprego do pronome ao anunciar que uma ação foi efetivamente realizada ou que está sendo realizada:

19. C - **Io accendo.** (Eu acendo)
 A - Che fai tu? (O que faz você?)
 C - **Io accendo.** [sem ênfase]¹⁴ (Eu acendo) (F / 2;02.26)

Na fala das crianças italianas, as conjunções *perché* e *sennò* desempenham um papel importante no condicionamento do preenchimento do sujeito. Nos dados da fala de Guglielmo, dez (10) das dezoito (18) ocorrências de sujeito pronominal da faixa 6 referem-se a esse fator:

20. ora fallo te perché **perché io ho** una sola mano
 (agora faz focê porque porque eu só tenho uma mão) (G:2;9.6)
21. - tutti sdraiati? - sì, **perché sennò loro stanno lì**
 (- todos deitados? - é, porque senão eles ficam ali) (G:2;9.6)

Nos dados da fala de Diana, as conjunções *perché* e *sennò*, usadas para fazer uma ameaça, também condicionam o preenchimento do sujeito:

22. **che io ti chiudo** la bocca sai (porque eu te fecho a boca sabe) (D:2;6.0)

¹³ Contraste e focalização são fatores categóricos no preenchimento do sujeito na fala do adulto e da criança. Por ser este o único contexto em que se tem admitido a realização pronominal do sujeito na língua italiana, resolvemos extrair-lo da análise da fala do adulto e da criança.

¹⁴ A assinalação [sem ênfase] encontrada na transcrição dos dados de Francesco é uma indicação de que o pronome não recebeu acento focal.

23. e no finisce **se no io ti dò** uno chiaffo (ah não, pára senão eu te dou um tapa) (D:2;6.0)

Nas frases de Gugliemo, em que se tem as conjunções *perché* e *sennò*, não se verifica a intenção de fazer uma ameaça, ao contrário do que se verificou nos enunciados de Diana. De qualquer modo, o pronome parece dar ênfase ao verbo, como é o caso do enunciado de Diana, em que a conjunção é omissa, mas o pronome está presente:

24. **lei c'ha** laffledole e dolme qui (ela está resfriada e dorme aqui) (D:2;6.13) em que a ênfase recai na oração explicativa, justificando a ação da criança (colocar a boneca para dormir).¹⁵

Em suma, a fala da criança reflete a estrutura da fala do adulto. Em situações-limite (ameaça, convencimento, defesa) tem-se o emprego do pronome sujeito com a função de enfatizar o valor verdade do predicado. A criança passa a apagar o sujeito pronominal, ao perceber que a obrigatoriedade de sua realização plena na língua italiana está restrita somente aos contextos pragmáticos de focalização.

2.2. Análise da fala de crianças brasileiras

Salientamos que o PB contemporâneo manifesta uma alta porcentagem de preenchimento do sujeito (Duarte, 1995) e que as respostas curtas apresentam sujeito nulo categórico. Os dados extraídos dos corpora de aquisição do PB confirmam a tendência do preenchimento do sujeito nas declarativas:

Tabela 2: Tipos de realização do sujeito nas declarativas

faixa idade	RAQUEL			LUCIANO		
	Nulo	Pron.	Lexical	Nulo	Pron.	Lexical
1	02	30	05	29	02	03
2	04	29	04	10	04	03
3	07	20	03	11	10	07
4	05	35	03	08	14	05
5	17	31	05	03	19	02
6	04	21	04	05	22	06
7	14	24	--	07	21	13

No que diz respeito à realização do sujeito nas declarativas, pudemos observar que, na fala de Raquel, a expressão pronominal é a forma mais recorrente de sujeito. Por outro lado, com exceção das faixas 5 e 7, não há mais de 10 ocorrências de sujeito nulo em suas frases declarativas.

¹⁵ Note-se que nem os fatores pragmáticos de contraste e focalização nem os fatores morfossintáticos explicam o emprego do pronome de 3a. pessoa nesta frase.

Na fala das crianças italianas, o sujeito nulo aparece com os verbos ergativos e volitivos, respectivamente:

25. pro **quebô**. (L:2;1)
26. pro **quero pô** sapato. (L:2;0)

Com os verbos *ir* e *estar*, há alternância entre sujeito pleno e nulo:

27. **Eu vô penteá** (R:2;6)
28. pro **vô molhá** o cabelinho (R:2;6)
29. **Ó, eu tô aqui escondendo** do lobo (R:2;3.19)
30. pro **tô fazendo** pãozinho (R:2;8.14)

confirmando o caráter residual atribuído ao sujeito nulo no PB por Duarte (1995) ao explicar a alternância entre sujeito nulo e pleno, na presença de um advérbio aspectual (*já, não, sempre, ainda*) e nas estruturas com verbo no tempo perfeito, como sugerem também os dados de Raquel:

Presença de advérbios aspectuais e focalizadores

31. pro **zá** arrumei (R:2;2.14)
32. **Eu zá** comi (R:2;3.19)

Verbos no tempo perfeito

33. pro **comi** tudo a sua tumida. (R: 2;3.19)
34. **Ela acabou** de fazê cocô (R:2;5.15)

O preenchimento do sujeito é favorecido nas orações encaixadas às construções clivadas, uma estrutura de focalização, apesar de o tempo perfeito dos verbos ser um contexto de resistência do sujeito nulo no PB:

35. Aquele negocinho que **eu fui** bincá (R:2;6.12)
36. É uma chupeta que **eu pisei** em cima (R:2;5.15)

e é recorrente também nas orações explicativas:

37. Agora fica que **eu vô escondê**... (R:2;1.23)

38. Põe o dedinho que **ele num morde** (R:2;6)

O sujeito pronominal nesse contexto é particularmente interessante porque corresponde ao mesmo contexto em que se tem o emprego do pronome na fala da criança de língua italiana, uma língua de sujeito nulo.

Se se considera que o emprego do pronome com função contrastiva e focal configura-se como o único contexto de obrigatoriedade do preenchimento do sujeito no italiano, então é plausível que a criança italiana, ao adquirir esta função percebe o valor +/- obrigatório do uso dos pronomes, passando a não mais preencher sistematicamente o sujeito com o valor de ênfase. O pronome com função de dar ênfase ao evento expresso pelo verbo será acionado em condições limites (acusação, defesa, etc.).

Assiste-se, assim, à passagem espontânea do sujeito pleno para o sujeito nulo. Após a descoberta das várias funções do pronome, a criança italiana restringe o seu uso aos contextos obrigatórios. Ela é, portanto, levada a abandonar os pronomes com função de ênfase. A criança brasileira, ao contrário, tem evidências de que o pronome com função enfática é sintaticamente estruturado e que a sua presença é obrigatória. Conseqüentemente, a criança continuará a expressar o sujeito pleno.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na teoria de princípios e parâmetros, tem-se dado importância aos processos ou mecanismos da aquisição, i.e. às estratégias segundo as quais as regras e os princípios da gramática são inferidos do “input”. O contato com os falantes da língua a ser adquirida é, sob esse aspecto, crucial. A criança deve selecionar os aspectos do “input” que são relevantes para que ela possa adaptar o seu conhecimento inato à língua da comunidade em que vive (Fodor 1966); em outras palavras, deve achar o modo de individuar quais opções paramétricas deixadas abertas pela GU foram adotadas especificamente pela sua língua alvo.

O trabalho que acabamos de realizar levantou algumas hipóteses para justificar o emprego do pronome na posição de sujeito em uma língua prototípica de sujeito nulo (a língua italiana) e em uma língua que está caminhando para a perda da propriedade do sujeito nulo (PB). A assunção da perda do sujeito nulo no PB e a existência de construções com sujeito nulo categórico, as respostas curtas, criam um paradoxo no que diz respeito à experiência lingüística para a qual a criança se volta para fazer as opções paramétricas de sua língua alvo.

Para solucionar o paradoxo, realizamos um estudo da tipologia de frases assertivas, na língua italiana e no PB. Este estudo possibilitou identificar as profrases de assentimento e de denegação como dados simples e relevantes para a marcação dos parâmetros, confirmando a hipótese de Kato (1994) de que é nas construções curtas (para a autora, a resposta curta) que a criança busca informações a respeito dos valores dos parâmetros.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANTELMÍ, D. (1993) *L'ipotesi maturazionale nell'acquisizione del linguaggio - Osservazione dallo studio longitudinale di una bambina italiana*. Tese de doutorado, Università degli Studi di Padova.
- CHOMSKY, N. (1981) *Lectures on Government and Binding*. Dordrecht: Foris (2a. ed. 1982)
- CLAHSEN, H. (1989) "Constraints on parameter setting", ms.
- CYRINO, Sonia (1994) *O objeto nulo no Português do Brasil: um estudo diacrônico*. Tese de doutorado, UNICAMP.
- De OLIVEIRA, M. (1995) "Sujeito nulo, uma propriedade sempre disponível para crianças de língua italiana?", in "ABRALIN", n.17.
- De OLIVEIRA, M. (1996) *Respostas assertivas e sua variação nas línguas românicas: seu papel na aquisição*, tese de doutorado, UNICAMP.
- DUARTE, E. (1995) *A perda do princípio "Evite Pronome" no Português Brasileiro*, Tese de doutorado, UNICAMP.
- FERRARI, B. (1992) *Sviluppo della Lingua Materna: Italiano e Tedesco a Cofronto*. Tese de doutorado, Università di Bergamo.
- FODOR, J.A. (1966) "How to Learn to Talk: some simple ways", in F. Smith e G. Miller (org.) *The Genesis of Language*, Cambridge, Mass.
- GALVES, C. (1993) "O enfraquecimento da concordância no português do Brasil", in I. Roberts & M. Kato (orgs.) *Português Brasileiro: uma viagem diacrônica*, Campinas, Ed. da Unicamp.
- HYAMS, N. (1986) *The Acquisition of parametrized grammars*, Unpublished PhD Dissertation, Cuny.
_____. (1988) "Morphological Uniformity and the Setting of the Null Subject Parameter", in "Proceedings of NELS", 18, p.235-253.
- KATO, M. & TARALLO, F. (1992) "Sim: respondendo afirmativamente em português", in M. Sofia Z. de Paschoal & M. Antonieta A. Celani (orgs.) *Linguística Aplicada: da aplicação da linguística à linguística transdisciplinar*, São Paulo, Educ.
- KATO, M. (1994) "A Theory of null objects and the development of a Brazilian child grammar", in R.Tracy & E. Latley (eds.) *How Tolerant is Universal Grammar*, Tübingen: Editora Niemeyer.
_____. (1995a) "Gramática Infantil: competência plena ou uma gramática sem categorias funcionais?", Anais da 47a. Reunião Anual da SBPC.
_____. (1995b) "Tendências atuais na psicolinguística: o "input" desencadeador na aquisição", CELSUL, Florianópolis, mimeo.
- LIGHTFOOT, D. (1989) "The Child's trigger experience: Degree-0 learnability", in "Behavioral and Brain Sciences", 12:2, p.321-334.
- NEGRÃO, E. & MÜLLER, A. (1996) "As mudanças no sistema pronominal do Português Brasileiro", in *D.E.L.T.A.*, vol.12, n.1: 125-152.
- NISHIGAUCHI, T. & ROEPER, T. (1987) "Deductive Parameters and the Growth of Empty Categories", in Roeper, T. & Williams, E. (eds), *Parameter Setting*, op cit. p.91-121.

- PINKER, S. (1989) "Language Acquisition", in M.I. Posner (org.) *Foundations of Cognitive Science*, Cambridge, Mass.
- POLLOCK, Y. (1989) "Verb Movement, Universal Grammar and the Structure of IP", in *LI*, vol. 20, n.3.
- WEXLER, K. & MANZINI, M. (1987) "Parameters and learnability", in Roeper, T. & Williams, E. (eds) *Parameter Setting*. Dordrecht: D. Reidel.